

[p.1]


Lisboa 14 de Junho de 1967

Meu caro Casais Monteiro

Acabo de receber (cruzando-se com uma segunda carta, express, que eu lhe tinha mandado) os artigos seu e do António Cândido, bem como a sua carta de 4 de Junho. Foi mais um suspiro de alívio que demos! Já li o seu artigo, que é muito bom. Percebo as suas dificuldades em relação à "imagem que..." e aceito-as. Fala-me Você no Odylo. O que se passa com ele é o seguinte: quando o Sena me deu a ideia do número brasileiro, eu falei aqui com ele para me facilitar contactos. Mas a certa altura, o homem entusiasmado com a ideia pôs-se a dar sentenças de feição mais ou menos política em relação ao número. Que eram tudo opositores, que valia a pena ouvir outros pontos de vista, governamentais, etc, etc, directerizes [sic] que de forma alguma estávamos interessados em seguir. Daí que eu o tenha posto mais ou menos a distância e evitado falar-lhe no número, que foi organizado, com os conselhos do Sena e os seus. Ele ficou com a pedra no sapato e cada vez que me via me voltava com a história de que tinha sido uma pena fazer um número tão marcado, etc, etc. Por isso, e certamente por causa da posição oficial que era a dele, deixou também de falar no artigo que ele mesmo

151899

**O TEMPO
E O MODO**
REVISTA DE
PENSAMENTO E ACÇÃO
AV. 5 DE OUTUBRO, 207-1.º DT.
TELEFONES 766148/9
LISBOA-1 * PORTUGAL



Lisboa 14 de Junho de 1967

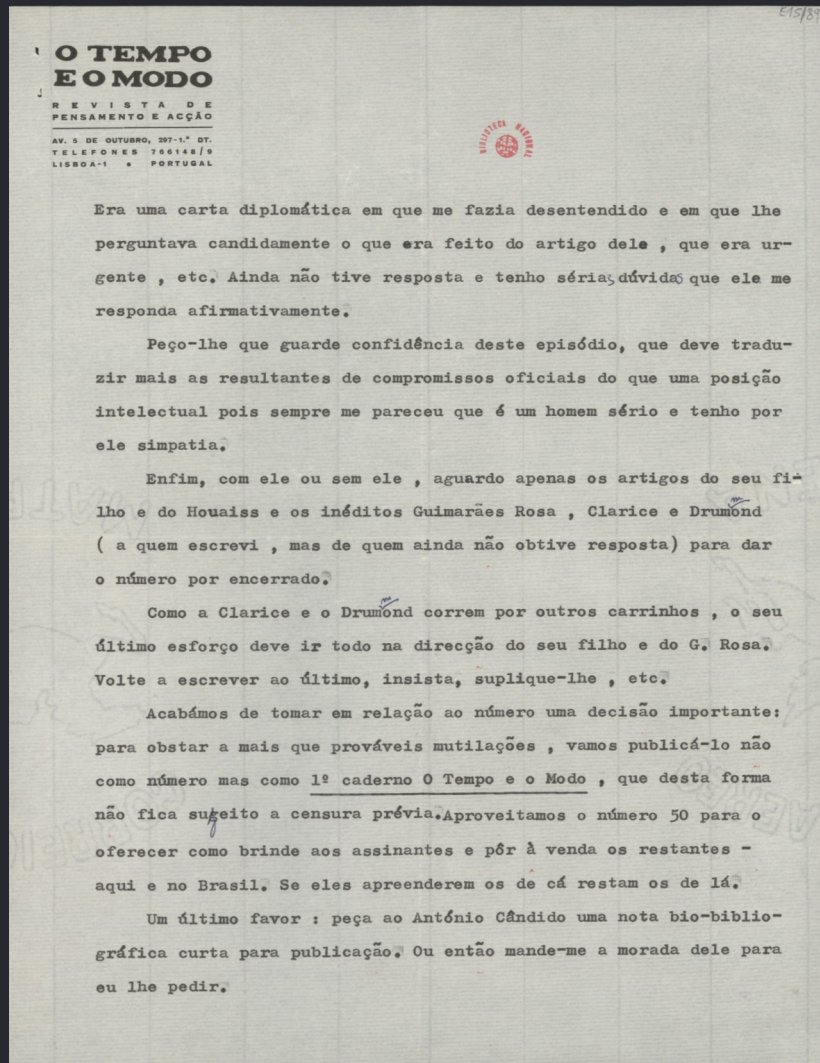
Meu caro Casais Monteiro

Acabo de receber (cruzando-se com uma segunda carta, express, que eu lhe tinha mandado) os artigos seu e do António Cândido, bem como a sua carta de 4 de Junho. Foi mais um suspiro de alívio que demos! Já li o seu artigo, que é muito bom. Percebo as suas dificuldades em relação à "imagem que..." e aceito-as. Fala-me Você no Odylo. O que se passa com ele é o seguinte: quando o Sena me deu a ideia do número brasileiro, eu falei aqui com ele para me facilitar contactos. Mas a certa altura, o homem entusiasmado com a ideia pôs-se a dar sentenças de feição mais ou menos política em relação ao número. Que eram tudo opositores, que valia a pena ouvir outros pontos de vista, governamentais, etc, etc, directerizes que de forma alguma estávamos interessados em seguir. Daí que eu o tenha posto mais ou menos a distância e evitado falar-lhe no número, que foi organizado, com os conselhos do Sena e os seus. Ele ficou com a pedra no sapato e cada vez que me via me voltava com a história de que tinha sido uma pena fazer um número tão marcado, etc, etc,. Por isso, e certamente por causa da posição oficial que era a dele, deixou também de falar no artigo que ele mesmo espontaneamente se propôs fazer. E por todas estas razões eu também não me sentia muito à vontade para insistir. Ia pensando que Você ou o Sena acabassem por fazer o artigo e que ficávamos melhor servidos.

A história da Clarice, levou-me há cerca de um mês a escrever-lhe.

[cont. p.1]
espontaneamente se propôs fazer. E por todas estas razões eu também não me sentia muito à vontade para insistir. Ia pensando que Você ou o Sena acabassem por fazer o artigo e que ficávamos melhor servidos.

A história da Clarice, levou-me há cerca de um mês a escrever-lhe.



[p.2]

Era uma carta diplomática em que me fazia desentendido e em que lhe perguntava candidamente o que era feito do artigo dele, que era urgente, etc. Ainda não tive resposta e tenho sérias dúvidas que ele me responda afirmativamente.

Peço-lhe que guarde confidência deste episódio, que deve traduzir mais as resultantes de compromissos oficiais do que uma posição intelectual pois sempre me pareceu que é um homem sério e tenho por ele simpatia.

Enfim, com ele ou sem ele, aguardo apenas os artigos do seu filho e do Houaiss e os inéditos Guimarães Rosa, Clarice e Drummond (a quem escrevi, mas de quem ainda não obtive resposta) para dar o número por encerrado.


Como a Clarice e o Drummond correm por outros carrinhos, o seu último esforço deve ir todo na direcção do seu filho e do G. Rosa. Volte a escrever ao último, insista, suplique-lhe, etc.

Acabámos de tomar em relação ao número uma decisão importante: para obstar a mais que prováveis mutilações, vamos publicá-lo não como número mas como 1º caderno O Tempo e o Modo, que desta forma não fica sujeito a censura prévia. Aproveitamos o número 50 para o oferecer como brinde aos assinantes e pôr à venda os restantes — aqui e no Brasil. Se eles apreenderem os de cá restam os de lá.

Um último favor: peça ao António Cândido uma nota

15/879

**O TEMPO
E O MODO**
REVISTA DE
PENSAMENTO E ACÇÃO
AV. 3 DE OUTUBRO, 297-1.º DT.
TELEFONES 760148/9
LISBOA-1 * PORTUGAL



Era uma carta diplomática em que me fazia desentendido e em que lhe perguntava candidamente o que era feito do artigo dele, que era urgente, etc. Ainda não tive resposta e tenho séria dúvida que ele me responda afirmativamente.

Peço-lhe que guarde confidência deste episódio, que deve traduzir mais as resultantes de compromissos oficiais do que uma posição intelectual pois sempre me pareceu que é um homem sério e tenho por ele simpatia.

Enfim, com ele ou sem ele, aguardo apenas os artigos do seu filho e do Houaiss e os inéditos Guimarães Rosa, Clarice e Drumond (a quem escrevi, mas de quem ainda não obtive resposta) para dar o número por encerrado.

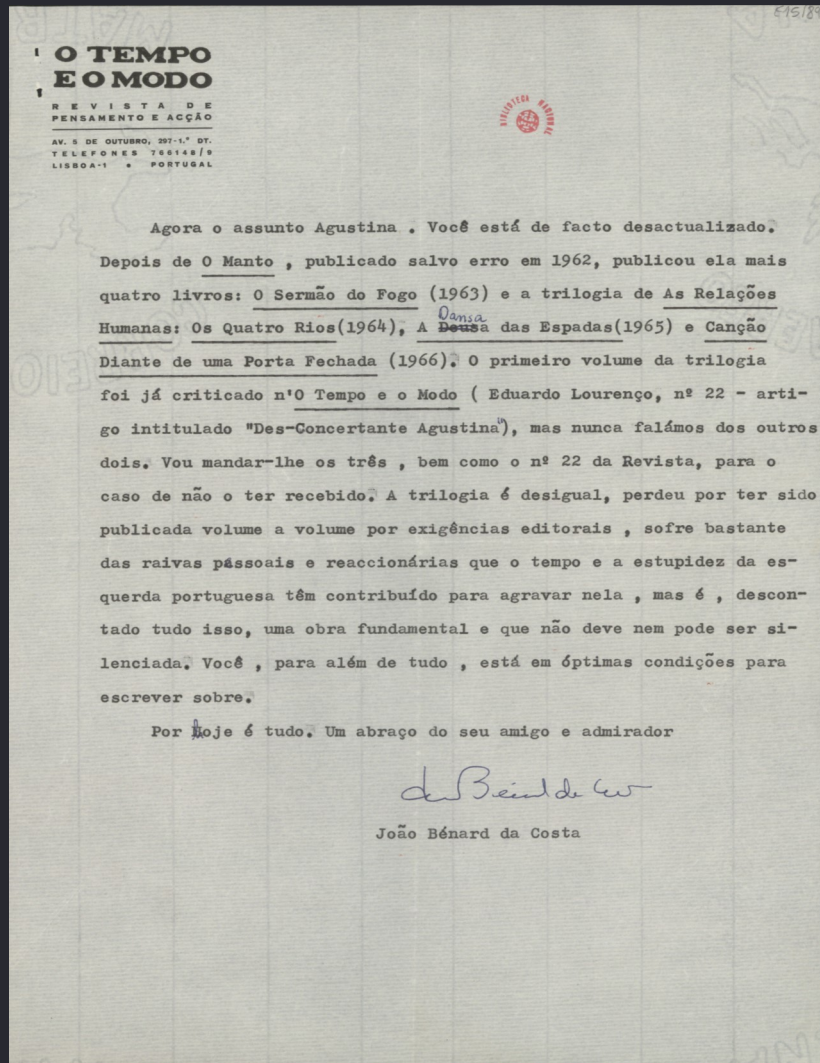
Como a Clarice e o Drumond correm por outros carrinhos, o seu último esforço deve ir todo na direcção do seu filho e do G. Rosa. Volte a escrever ao último, insista, suplique-lhe, etc.

Acabámos de tomar em relação ao número uma decisão importante: para obstar a mais que prováveis mutilações, vamos publicá-lo não como número mas como 1.º caderno O Tempo e o Modo, que desta forma não fica sujeito a censura prévia. Aproveitamos o número 50 para o oferecer como brinde aos assinantes e pôr à venda os restantes - aqui e no Brasil. Se eles apreenderem os de cá restam os de lá.

Um último favor: peça ao António Cândido uma nota bio-bibliográfica curta para publicação. Ou então mande-me a morada dele para eu lhe pedir.

[cont. p.2]

bio-bibliográfica curta para publicação. Ou então mande-me a morada dele para eu lhe pedir.



[p.3]

Agora o assunto Agostina. Você está de facto desactualizado.
Depois de O Manto, publicado salvo erro em 1962, publicou ela
mais quatro livros: O Sermão do Fogo (1963) e a trilogia de As
Relações Humanas: Os Quatro Rios (1964), A Dansa das Espadas
(1965) e Canção Diante de uma Porta Fechada (1966). O primeiro
volume da trilogia foi já criticado n' O Tempo e o Modo (Eduardo
Lourenço, nº 22 — artigo intitulado "Des-Concertante Agostina"),
mas nunca falámos dos outros dois. Vou mandar-lhe os três, bem
como o nº 22 da Revista, para o caso de não o ter recebido. A
trilogia é desigual, perdeu por ter sido publicada volume a volume
por exigências editorais, sofre bastante das raivas pessoais e
reaccionárias que o tempo e a estupidez da esquerda portuguesa
têm contribuído para agravar nela, mas é, descontado tudo isso,
uma obra fundamental e que não deve nem pode ser silenciada.
Você, para além de tudo, está em óptimas condições para
escrever sobre.

Por hoje é tudo. Um abraço do seu amigo e admirador

João Bénard da Costa